

A Chave para o Turismo de Cabo Verde



LUÍS BORGES RODRIGUES
Sócio da Miranda & Associados

Identificado desde há mais de uma década pelos líderes políticos como o “Petróleo de Cabo Verde”, o sector do turismo tem vindo a ser o principal motor da economia Cabo Verdiana, representando diretamente mais de 25% do PIB do país e 18% das receitas do Estado.

Com extensos areais tropicais, clima veranil durante todo o ano (que permite reduzir a sazonalidade), curta distância para o mercado europeu, mão de obra jovem, disponível e com boa qualificação, inexistência de risco cambial (o escudo cabo verdiano está indexado ao euro), segurança, estado de direito democrático e no topo dos rankings continentais de desenvolvimento humano e de boa governança, Cabo Verde reúne todas as condições para se desenvolver como um destino turístico de referência à escala internacional. Os diferentes Governos que têm alternado no poder têm mantido uma política estável de incentivo à atração de investimento externo, não só através de aprovação e manutenção de leis de proteção do investimento externo e de incentivos fiscais, como também de políticas de investimento público em infraestruturas aeroportuárias, urbanísticas e de energia, água e saneamento contribuindo por forma a qualificar e melhorar o destino.

Até à crise pandémica, Cabo Verde tinha vindo a afirmar-se como um destino emergente com boas taxas de crescimento. Consultando os dados do Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde, verificamos que o destino se diversificou e tem ganho cariz verdadeiramente internacional em vários mercados emissores europeus, o que levou, entre outras coisas, à entrada de várias marcas internacionais no destino.

De 2015 a 2019, o número de quartos em estabelecimentos hoteleiros cresceu de 10.626 para 13.092 (um crescimento de 23%). Em termos de distribuição geográfica, a ilha do Sal lidera claramente com 45,4% do total de camas disponíveis, seguido da ilha da Boavista com 30,4%, 8,8% na ilha de Santiago, 6,1% em São Vicente e os restantes 9,3% nas restantes ilhas.

Relativamente ao número de hóspedes no referido período, este cresceu de 569.387 para 819.308 (um crescimento de 44%), ou seja, o número de hóspedes cresceu quase ao dobro do ritmo do número de quartos, o que evidencia um crescimento da procura bastante superior ao da oferta.

Esta tendência, se por um lado demonstra o potencial de crescimento do turismo no país, por outro evidencia a existência de insuficiência do investimento externo que permita o crescimento da oferta hoteleira, dificuldades essas que se prendem, não com a falta de condições ou de projetos para investimento, mas com a dificuldade em obter soluções de financiamento.

Com efeito, o sector bancário Cabo Verdiano, encontra-se dimensionado para uma economia de um país com pouco mais de meio milhão de habitantes, não tendo tido capacidade para fazer face às necessidades de financiamento de um sector hoteleiro em expansão. A este ponto acresce a dificuldade dos investidores externos, com algumas exceções, em conseguir criar mecanismos apropriados de mobilização dos capitais necessários.

Tendo em conta a vantagem competitiva derivada não só da proximidade cultural e da partilha do idioma, mas também da existência de convenções para evitar a dupla tributação que favorece a canalização de investimentos através do nosso país, esta falta de opções para operações de financiamento e de refinanciamento, (especialmente numa altura em que existem facilidades de acesso a crédito a taxas reduzidas nos países europeus), representa uma falha do mercado que poderá constituir não apenas uma oportunidade para as empresas portuguesas do sector turístico, mas principalmente, um desafio para as do sector financeiro e de investimento, sendo o elemento chave que determinará o ritmo de desenvolvimento de Cabo Verde enquanto destino de dimensão verdadeiramente internacional, após a reabertura do turismo internacional pós pandemia.